CARTA DE AGOSTINHO ENÉAS DA COSTA A LUÍS MONTEIRO MAIA, RELATANDO A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA NO CEARÁ (1889)

(*Oferecida ao Arquivo do Instituto do Ceará por D. Ana do Nascimento Maia*).

Meu caro Luís Monteiro :

Tenho pressa em lhe escrever e o faço justamente num momento da mais viva impressão!

Hoje aqui foi um dia de verdadeira agitação política que abalou vivamente todas as camadas sociais.

Eu nunca presenciei, nem supus jamais ser testemunha de um fato verdadeiramente descomunal e da mais terrível e dolorosa situação.

O partido republicano na Côrte, fundido com o exército e armada, por causa do embarque de um batalhão e substituição de armamentos, revoltou-se e, unido, intimou, em nome da república, ao ministério que se retirasse, sob pena de ser violentado!

O Ouro-Preto e os demais ministros submeteram-se, porém o ministro da Marinha, Barão do Ladário, resistiu heróicamente e foi ferido na luta, segundo se diz, mortalmente.

Imediatamente os republicanos unificados tomaram o poder, depuseram o ministério e, *urbi et orbi*, proclamaram a república.

De posse de todas as repartições, tomaram também o telégrafo e não há telegrama algum da Côrte para aqui, de procedência política; sómente dos republicanos são recebidos e expedidos.

De sorte que conservadores e liberais estão na dolorosa espectação, sem uma palavra de Chefe, pois que ontem ainda o Ibiapaba (que já está na Côrte) ainda pôde telegrafar e hoje, até agora, 10 da noite, notícia alguma.

O que se sabe é que Bahia e Pernambuco resistiram e tudo ia em paz, mas, aqui no Ceará, a cousa foi imensa.

O Presidente Morais Jardim, pelas notícias aterradoras de ontem, convocou hoje em Palácio uma reunião que se efetuou ás 11 horas do dia, á qual assistiram os chefes políticos, oficialidade, chefes de repartições etc.

Fui testemunha ocular de tudo e ouvi o Cel. Jardim, calmo e sereno, expor o seguinte:

Que era gravíssima a situação política do país e êle, administrador do Ceará numa quadra anormalíssima, não podia abandonar os cearenses antes do telegrama oficial do novo govêrno republicano anunciando a formação da situação e a deposição do govêrno monárquico e, portanto, como Presidente e como militar, apelava para o povo e principalmente para seus camaradas de armas pedindo-lhes apôio, garantindo-lhes que só se limitaria a manter a ordem pública, aguardando comunicação da Côrte.

A Escola Militar e o Batalhão logo aí protestaram que o apôio pedido seria dado, mas ao General Deodoro da Fonseca, chefe republicano, a quem iam telegrafar imediatamente.

Longa foi a conferência e depois dela retiraram-se todos; mas, pelas

2 horas da tarde era grande a multidão reunida no Passeio Público com música, foguetes e bandeiras, etc. e ali foi aclamado publicamente chefe do poder executivo o Tenente-Coronel Ferraz, comandante do 11.°. Em seguida o préstito dirigiu-se a Palácio, tocando a música a Marselhesa e, chegados em Palácio, entraram. O Morais Jardim recebeu-o no salão e logo o Major Bezerra, como intérprete da multidão disse: "Cel. Jardim, o povo, o exército e a armada, acabam de aclamar, na praça pública, chefe do poder executivo nesta Província o Sr. Tenente-Cel. Ferraz.

Depois desta teatral alocução bradaram vivas á república, ao General Deodoro, ao Tenente-Cel. Ferraz, ao cidadão J. Cordeiro, etc.

O Cel Jardim, trepando-se numa cadeira, com a prudência de um homem de idade e o porte de militar, respondeu que nunca pensou que depois de 30 anos de vida militar, e de haver apelado pedindo o apoio de seus colegas, prometendo não criar estorvos á nova forma de govêrno, fôsse vítima de tamanha violência; mas, desde que o povo queria, obedecia.

E acrescentou: desejo que sejam felizes, e vós cearenses eu peço-vos com os olhos abrasados em lágrimas (e foi chorando) não vos esqueçais dos vossos patrícios que se estorcem com fome.

Foi nessa ocasião que uma pessoa do povo rasgou com um canivete o retrato do Imperador, que havia no salão. Nesta mesma ocasião a senhora do Presidente e toda a família tinha síncope, e havia um rumor medonho em Palácio e o aparato glacial fazia irriçar os cabelos!

Eu me achava ali cautelosamente na espectativa e assisti á deposição do Cel. Jardim e á nova organização política que ninguém supôs se operasse com tanto açodamento.

O Morais Jardim retirou-se para o sobrado do Rodrigues; o chefe de polícia e o Secretário do govêrno deram-se como depostos, e amanhã dar-se-ão muitas nomeações.

Está, pois, orgaizado o govêrno republicano e em face de tal movimento não há dúvida que os liberais e conservadores no Brasil se fundem para bater a república.

Mesmo assim êsse movimento ainda quando seja abafado, é terribilíssima a transformação econômica no Brasil por que, é crença geral, devem dar-se muitas falências e a Inglaterra terá de acautelar seus capitais empatados no Brasil. Estamos mal, muito mal!

A ninguém é dado prever as consequências da luta.

Eu espero ou devo esperar minha demissão, porque para ser conservado não transigirei.

Sobra-me coragem para viver e tenho bastante confiança em Deus.

— Deixa de ir o bombo por que um único que se encontrou custa 90$000 e eu entendi que era tão caro que vocês não devem querer.

E' muito fácil mandar um carpina preparar a armação e comprar dois cachorros, matar, tirar os couros, botar na cinza e depois de espichados cobrir o bombo. Eu me atrevia a fazer um bombo, porque já com outros músicos fiz um.

Não sei se obrei bem deixando de fazer a compra, mas só tive em vistas poupar a vocês. Adeus, já alonguei-me de mais. Lembre-me a todos os amigos.

Seu amigo *ex-corde*
Agostinho Enéas